

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA => **PES 2011/2012**

Filipe Matos//6ª feira, 13h30, **02/12/2011**, 10º Ano, Turma J / Desenho A/ Escola Secundária Gabriel Pereira

UNIDADE DE TRABALHO: Diário gráfico; Um espaço.

MATERIAIS DIDÁCTICOS (apresentações, vídeos, obras e/ou objectos <u>concebidos especificamente</u> para a sessão, ou <u>adaptados</u> a esta.	CRIATIVIDADE (dos materiais didácticos concebidos – <u>concepção de autor</u> (<i>privilegiada</i>) - e nas formas e estratégias de <u>dinamizar</u> a aula)	COMUNICAÇÃO (<u>Inter-acção</u> com os alunos/ <u>clareza</u> na exposição dos conteúdos, <u>sequencialidade</u> e <u>resposta ao feedback</u> dos alunos)	GESTÃO DIDÁCTICO-PEDAGÓGICA Pesquisa, <u>rigor</u> e manipulação dos conteúdos <u>artístico-científicos</u> , <u>condução</u> da aula e gestão do tempo
(1)	(2)	(3)	(4)
A/B	A/B	A/B	A/B

Avaliação Qualitativa: **A** – Excelente; **B** - Muito Bom; **C** – Bom; **D** – Suficiente; **E** - Insuficiente; **F** - medíocre

[+]		[-]
<p>(3) Muito positivo a primeira parte da aula, na captura da voz dos estudantes e da sua “relação” com o objecto de estudo (o diário gráfico).</p> <p>(1)(2) O contacto real com os diários gráficos (pessoal) e de colegas (com devida autorização) pareceu-me uma estratégia sensível e correta destinada a motivar e a tranquilizar os estudantes relativamente ao tema em estudo. Puderam igualmente ver (e sentir) as técnicas utilizadas, as texturas, etc.</p> <p>(3)Foi interessante o discurso gerado à volta da ideia de “erro”, com exemplificações concretas, em particular, a necessidade de os deixarmos estar nos diários gráficos, para “aprendermos” com eles.</p> <p>(4)Atenção “sensível” às condições de luz natural da sala após a apresentação powerpoint para estabelecer as condições ideais ara a aula prática</p>	<p>É importante o fornecimento de informação classificada aos alunos (os web sites sobre diários-gráficos) e</p> <p>As possibilidades “expressivas” dos novos artefactos (iphones...) tecnológicos foi estimulante para os alunos, em particular, nas amplas possibilidades expressivas que permitem.</p> <p>No entanto há que ter presente que podem ser um factor de diferenciação (de classe) tendo em conta que nem todos os alunos podem ter acesso económico ao “aparelho”...daí que há que ter cuidado com os entusiasmos que podem ser contraproducentes (para o remanso dos lares e para as bolsas dos pais)</p>	<p>(1)(3)(4) Algum fundamentalismo técnico, (começar a grafite, acabar a grafite!) sabendo que as técnicas mistas podem potenciar expressivamente os resultados finais...(No entanto esta obrigatoriedade pode ter sido pensada em função da “portabilidade”, destas técnicas, face à mobilidade que uma parte da aula requereu).</p> <p>(4)Não me pareceu ver conceptualizada e explicada aos alunos, com clareza, (com a necessária linguagem adaptada) a função importantíssima do desenho espontâneo/gestual, na captação (a la prima) da estrutura básica da realidade observável. É esta a função didáctica básica dos diários gráficos.</p>

Avaliação Global Proposta: **A/B**

Início de aula muito interessante, com os alunos a “porem a mão na massa”, ao sentirem na pele os diários gráficos “reais” levados para a sessão e a serem convidados a “dissertarem” sobre a sua função a sua expressividade, a sua espontaneidade.

Aula com apresentação adequada e com informação precisa e bem seleccionada. Os vídeos foram também muito sintéticos e reveladores do que é possível fazer com os novos artefactos tecnológicos portáteis.

Aula ousada e arriscada, mas que partiu com um conhecimento prévio (fundamental) da maturidade e seriedade da turma relativamente às exigências (até comportamentais) requeridas para uma “aula no exterior”.

Nesta área (ensino do Desenho), sair do espaço (para muitos – professores e alunos, a sala de aula é uma limitação “carceral”) rotineiro é uma necessidade absoluta. Exige coragem mas também uma ponderação prévia (dos pós e contras) e uma certa noção de risco calculado.

A aula teve essa dimensão “natural” de se introduzir num cenário social escolar (sala de convívio) pleno de motivos desenhativos. Acuidade apurada ao detectar que uma aluna não se estar a relacionar lá muito bem com o facto de estar a ser observada (talvez tenha sido este o “critical Incident” da aula, a merecer reflexão posterior).